

MONTEIRO LOBATO E MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA: UM CASO DE CO-AUTORIA NA HISTÓRIA DO LIVRO E DA LITERATURA NO BRASIL

Lilian Escorel

Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo

Resumo: O texto que ora se apresenta é a exposição do tema, objetivos e metodologia da dissertação de mestrado a ser concluída em janeiro de 2002, sob a orientação da Prof. Dra. Alice Mitika Koshiyama do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA e co-orientação da Prof. Dra. Telê Porto Ancona Lopez do Instituto de Estudos Brasileiros e Departamento de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras/USP. Iremos analisar a edição lobatiana das Memórias de um sargento de milícias, cuja radical intervenção do editor no estilo do autor deflagra a vulnerabilidade do texto de Manuel Antônio de Almeida e configura um caso de co-autoria na história do livro e da literatura no Brasil.

Palavras-chave: autoria, co-autoria, estilo, texto, edição, livro, literatura, Monteiro Lobato, Manuel Antônio de Almeida, Memórias de um sargento de milícias, Crítica Genética, História do livro, Cia Graphico-Editora Monteiro Lobato.

INTRODUÇÃO

-- Este livro não é meu! Meu Deus, o que fizeram do meu livro?

Oriana Fallaci¹

O texto vai impresso numa fina folha de papel, acumula-se em cadernos de 8, 16 32, 64 folhas que, colados ou costurados, terminam no fim da linha de produção brochados, encadernados, reunidos em edição popular, fascículos ou "em madeiras raras, de um luxo sóbrio e discreto"¹. O texto transforma-se em volume, vira um objeto "temível e temido, respeitado e respeitável"¹: o livro.

Sobre a capa, a lombada, na página de rosto e de créditos aparece em destaque seu grande personagem: o autor. E junto dele, em posição mais discreta, salienta-se o responsável pela

empreitada livresca: o editor, ou antes, sua editora, a empresa capitalista que financiou e tornou possível a publicação do texto do autor. Sua existência, no entanto, só se completa quando entra em cena a figura anônima de um personagem essencial no elenco literário: o leitor.

Atraído pelo objeto exposto na vitrine, o leitor, num gesto banal de consumidor, tira o livro de seu estado ideal nas prateleiras, compra-o e o leva para casa, fazendo dele o que bem quiser, descobrindo, até mesmo, que o livro que comprou não é exatamente aquele que imaginara, nem o autor que assina a capa é de fato o mesmo que responde pelo texto do miolo...

Leste já uma trintena de *páginas* e estás a ficar apaixonado pelos *factos*. A certa altura observas: “Mas esta *frase* não me parece nova. Pelo contrário, parece-me já ter lido antes toda essa *passagem*”. É claro: são *motivos* que retornam, o *texto* é tecido por estes vai-vens, que servem para exprimir o *flutuar do tempo*. És um *leitor* sensível a estes refinamentos, tu, sempre pronto para captar as *intenções do autor*, nada te escapa. [...] Mas é uma *página* inteira, podes comparar, não muda sequer uma *vírgula*. E prosseguindo, o que acontece? Nada, a *narração* repete-se idêntica às *páginas* que já *leste*!

Um momento, vê o *número da página*. Que maçada! Da página 32 voltaste à página 17! O que pensava ser um *rebuscamento estilístico do autor* não é mais do que um *erro de tipografia*: repetiram duas vezes as mesmas páginas. Foi ao *coserem o volume* que o engano se deu: um *livro* é feito de “*cadernos*”; cada caderno é uma *folha* grande na qual são *impressas* páginas e depois dobrado em oito; quando se juntam os cadernos pode acontecer que num *exemplar* fiquem dois cadernos iguais; é um incidente que acontece.[...]

Cá está novamente página 31, 32... E depois? Outra vez a página 17, uma terceira vez! Mas que raio de livro te venderam? Juntaram vários exemplares do mesmo caderno, não há mais nenhuma página boa em todo o livro.

[...]

Amanhã, logo que tenhas um momento livre, corres à *livraria*, [...]. O *livreiro* não se desconcerta. - Ah, também a si? Tive já várias reclamações. E esta manhã chegou-me precisamente uma *circular da editora*. Vê? “Na *distribuição* das últimas novidades do nosso boletim, uma parte da *tiragem do volume* Se numa noite de inverno um viajante de Ítalo Calvino ficou com defeitos e tem de ser retirada de *circulação*. Por engano da

encadernação, as folhas do referido volume foram misturadas com as de uma outra novidade, o *romance* polaco Fora da povoação de Malbork de Tazio Bazakbal.[...]” Diga-me cá se um pobre livreiro tem de andar metido nas negligências dos outros.[...]¹ [grifo nosso]

A situação ilustrada acima é fictícia. Trata-se do enredo metalinguístico de *Se numa noite de inverno um viajante* de Ítalo Calvino. O escritor italiano aborda com a maior atualidade e perspicácia as peripécias do mundo do livro e da literatura.

No trecho exposto, início do romance, o autor já de chofre nos lança no instável universo literário: seja da produção do texto, seja de sua edição.

Nesses parágrafos introdutórios pudemos destacar uma "trintena" de palavras e expressões que postas lado a lado eliminam a hierarquia dos envolvidos na produção literária e chamam a atenção para a sua interação e materialidade.

Autor, frase, estilo, página, livreiro, editor, vírgula, caderno, folha, exemplar, venda, distribuição, leitor, tipografia, fatos, passagem, motivo, tiragem, tempo etc. entram todos em cena, desvelando o caos da criação e da produção do livro.

Calvino torna o leitor protagonista de sua trama e nos apresenta às adversidades do texto editado. O personagem que comprou *Se numa noite de inverno um viajante*, atraído pelo engano que outros envolvidos na arte editorial provocaram -editor, tipógrafo, distribuidor--, desvia-se do título impresso na capa e passa a buscar ansiosamente o outro texto, o do polaco.

Um momento. Concentra-te. Reordena na mente o conjunto de informações que te choveram em cima todas ao mesmo tempo. Um romance polaco. Então aquilo que te tinhas posto a ler com tão grande participação não era o livro que pensavas mas o romance polaco. O livro que agora tens urgência de procurar é esse. Não deixes que te enfiem o barrete. Explica claramente os factos. – Não, olhe, eu não quero saber desse Calvino. Comecei a ler o polaco e é o polaco que quero continuar. Tem aí, esse Bazakbal?¹

Os caminhos e descaminhos do texto literário impresso e transformado em livro são o objeto de pesquisa e reflexão desta dissertação de mestrado.

Saindo do Velho Continente de Calvino e Bazakbal, transferimo-nos para as terras quentes dos trópicos e nos voltamos para o filho de portugueses Manuel Antonio de Almeida e para o descendente de cafeicultores paulistas Monteiro Lobato.

Mas qual será a relação entre esses dois últimos? Houve entre eles igual engano? Terá algum editor displicente publicado o livro de um com a assinatura do outro, misturado cadernos da obra de um no romance do outro?

Não, em absoluto. Nenhum equívoco. No entanto, esta leitora-pesquisadora sofreu surpresa similar à do leitor-personagem de *Se numa noite de inverno um viajante*. Ao folhear as páginas de uma edição de obra clássica da literatura brasileira, as *Memórias de um sargento de milícias* de Manuel Antonio de Almeida, deparou-se na folha de rosto com a seguinte informação: "Edição escoimada de vícios de forma". No pé da página, o nome e endereço da editora responsável: Cia Graphico-Editora Monteiro Lobato, Praça da Sé,34, São Paulo, 1925.¹

A expressão que qualifica a edição parece totalmente inusitada. O que significaria uma edição "escoimada de vícios de forma"? Os vocábulos "escoimada" e "vícios" soam um tanto fortes, embora melhor considerados representem uma ação editorial muito comum: a do revisor de estilo.

A locução "vícios de forma" paralela a "vícios de linguagem" é jargão muito utilizado pelos revisores de texto, que devem eliminar problemas estilísticos de redação: repetições recorrentes, parágrafos muito longos e nebulosos, mal construídos, erros de concordância, regência nominal e verbal, tudo, enfim, o que manda um manual de estilo e redação orientado pela norma culta da língua escrita.

Há ainda o verbo "escoimar" que ecoa autoritário e remete por associação semântica a uma ação "higienista": limpar, depurar, eliminar os defeitos, vícios. Trata-se, no entanto, de verbo comum empregado pelas casas editoras da década de 20 --período em que atua a empresa livreira de Monteiro Lobato-- para qualificar a tarefa dos revisores de texto: aqueles que "escoimam vícios de forma".¹

Apesar dessas atenuações, o ruído da leitura "edição escoimada de vícios de forma" persiste na mente do leitor quando a expressão se atribui a um texto literário, batizado por um autor que é ninguém menos do que Manuel Antônio de Almeida. Fosse um texto não-literário ou de autor desconhecido, anônimo, de produção popular e de massa, certamente não haveria mal-estar. O procedimento seria até mesmo considerado válido. O manuscrito em sua passagem a

livro sofre modificações, deve obedecer a um padrão editorial e literário regido por determinada época. Quantos textos não estão mal escritos e carentes de reparos, ajustes, aprimoramentos?

Uma obra firmada por autor, porém, desperta outra reação: espera-se encontrá-la em plena forma, dentro de um estilo pronto e acabado... Mas nem sempre é isso o que se verifica. A realidade do texto autografado e impresso é bem diversa daquela que se encerra no cenário privado e idealizado do escritor. "O escritor age comprovadamente sobre seu texto; o autor, completando-o, associa-se à cadeia de produção e divulgação da obra, onde não é apenas ele que toma resoluções. Composição tipográfica, revisão de prova, 'saltos' e interferências injustificadas fazem do texto no livro, algumas vezes, uma realidade bem diversa do texto do escritor."¹

Tal é o que nos revela a referida edição respondida pelo editor e autor Monteiro Lobato. Desse modo, assim como o leitor de Italo Calvino decide ir atrás do texto do polaco, esta leitora, ao flagrar a informação impressa na folha de rosto da edição levada a cabo pela Cia Graphico-Editora Monteiro Lobato das *Memórias de um sargento de milícias*, resolve buscar ansiosamente a leitura do texto do autor-editor Monteiro Lobato sobre o texto do autor Manuel Antônio de Almeida: contrastar dois estilos literários.

Abre mão da avaliação que já iniciara sobre o acervo das edições literárias da editora Monteiro Lobato & Cia para concentrar-se integralmente no instigante estudo de uma edição que, muito mais do que "escoimar vícios de forma", revela um caso de *co-autoria* na história do livro e da literatura no Brasil.

OBJETIVOS

O principal objetivo deste trabalho é demonstrar que a intervenção do editor Monteiro Lobato sobre o romance de Manuel Antônio de Almeida se caracteriza como *co-autoria*. Para tanto há que se refletir sobre as razões que a motivaram e analisar de que modo ela se constituiu. Por que Monteiro Lobato decidiu mexer no texto de Manuel Antônio de Almeida? Como realizou semelhante tarefa? Qual o grau de sua interferência? Tinha ele o direito de fazer o que fez?

O leitor de literatura de ficção aceita edições críticas de um autor, edições revistas por especialistas e até mesmo adaptações por outros autores de renome. A indicação, porém, de que o texto do autor foi alterado e melhorado pelo editor é de cara rejeitada.

É nesses termos que o escritor carioca Marques Rebelo, biógrafo de Manuel Antônio de Almeida, se expressa sobre a edição empreendida por Monteiro Lobato:

O escritor que pela primeira vez escreveu como se fala no Brasil teve a sua obra inteiramente deturpada, quase irreconhecível. Podemos dar aqui uns poucos exemplos do que foi a 'escoimação dos vícios de forma': 'Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda', foi emendado para 'Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e *Quitanda*'. 'Chamava-se nesse tempo', foi emendado para: 'Chamava-se *nessa época*'.[...] Os exemplos que deixamos consignados são os das primeiras vinte linhas. E todas essas barbaridades foram praticadas naturalmente com o conhecimento do escritor Monteiro Lobato. Não é à toa que o sr. Monteiro Lobato é autor da *A Gramática da Emília*.¹

Menos reprovador é o comentário da filóloga Terezinha Marinho (responsável pela primeira edição crítica das *Memórias*) sobre a edição lobatiana, ainda que revele certa indignação com a ousadia do editor em obra clássica da literatura brasileira.

L constitui uma 'nova' edição das *Memórias*. Os editores, em Nota impressa na pág.3 explicam o *tratamento absolutamente arbitrário, impressionista*, dispensado ao texto: [...] Apresentamos abaixo alguns espécimes de cotejo entre L e B, graças aos quais *ficam manifestos os arbítrios* dessa 'nova' edição.¹[grifo nosso]

A consideração da edição L (a de Lobato) como 'nova' por Terezinha Marinho é absolutamente pertinente. Não se trata de fato de uma edição que reproduz fielmente o último texto revisado pelo autor: a primeira edição das *Memórias de um sargento de milícias*. Mas seria a edição lobatiana a única 'nova' edição? Qual foi o cuidado dispensado ao texto de Manuel Antônio de Almeida pelas edições anteriores à sua? A ação "arbitrária e impressionista" do editor Lobato, como julga Terezinha Marinho, mais do que trair uma obra firmada ou cometer uma invasão de privacidade não estaria desvelando uma questão comum à literatura e ao livro: o instável percurso da criação literária e seus modos de produção?

A “Nota dos editores” impressa na página 3 da “edição escoimada de vícios de forma” nos fornece os subsídios para encaminhar essa questão. Por editores entenda-se Monteiro Lobato e seu sócio Octalles Marcondes Ferreira. Mas como Lobato era o responsável pela direção literária da casa editora é possível atribuir a autoria da nota ao escritor paulista. Além disso, pouco antes da publicação do livro em 1925, em entrevista concedida ao jornal *Folha da Tarde*¹, o autor-editor assume em seu nome a ação editorial empreendida no texto que narra a história do ‘sagaz’ e ‘matreiro’ Leonardo.

Na nota, portanto, a intervenção é justificada por dois motivos. De um lado, o “desleixo natural do autor”; de outro, o “ ‘respeito’ dos editores, apostados em conservar todas as máculas do estilo, com acrescentamento de numerosíssimas outras, filhas da revisão apressada”. Temos assim expostas duas ordens de problema: criação literária e produção editorial. O autor põe em debate tanto o estilo do escritor carioca de meados do século XIX, quanto o estilo dos editores de meados dos oitocentos a início dos novecentos. Segue a nota em sua íntegra:

Manoel Antônio de Almeida, nascido no Rio de Janeiro em 1832 e falecido em 61, no naufrágio do vapor "Hermes", escreveu em sua mocidade estas Memórias de um sargento de milícias. Escreveu-as de um jacto, vê-se, e com uma absoluta despreocupação de forma - mais: com um relaxamento imperdoável. Não obstante, erigiu um eterno monumento à sua glória. A vassoura do tempo que varre sem dó para o olvido a legião dos livros medíocres, respeitou e respeitará sempre este. É que há nele gênio. É que este livro representa uma criação.

Manoel de Almeida retrata com intenso verismo a psíquica de uma época e fal-a vivedoura com rara intuição de arte. Não movimenta bonecos, mas almas, e cada criatura que mete em cena forma um tipo de primoroso desenho lógico. Coevo do romantismo cabelludo, seu gênio fal-o adivinhar a senda do naturalismo compreendido da mais inteligente maneira - desse que toma por mira a verdade psicológica.

Infelizmente Manoel de Almeida parou nas Memórias que não constituem, siquer, uma obra completa, pois memorizam apenas a infância do herói. O pouco apreço no seu tempo dado às letras certamente o fez abandonar a pena, com a gravíssima lesão do nosso patrimônio artístico. Quem aos vinte anos fez o que fez, que não faria na idade madura?

Além do desleixo natural do autor, tiveram as Memórias contra si o "respeito" dos editores, apostados em conservar todas as máculas do estilo, com acrescentamento de numerosíssimas outras, filhas da revisão apressada. E assim chegou até nós essa obra prima: *linda creatura coberta de frangalhos, cara suja, cabelos despenteados, unhas compridas...* [grifo nosso]

Nesta edição adotamos o processo inverso e as Memórias aparecem depuradas de todos os *defeitos afeiantes* [grifo nosso]. Os leitores que comparem os dois sistemas de mostrar respeito a uma obra já no domínio público, e julguem.¹

Desse modo, no lugar de condenar e rejeitar a atitude do editor Monteiro Lobato-- como fizeram Rebelo e Terezinha Marinho --, preferimos acolhê-la e considerá-la. O procedimento que deu à obra de Manuel Antônio de Almeida abre uma reflexão interessante e fecunda sobre literatura e edição. Revela que o texto impresso e transformado em livro traça um percurso nem sempre estável... A ação de Lobato só foi possível porque o texto de Manuel Antônio de Almeida foi escrito e produzido de determinado modo e porque seu trajeto até chegar à edição levada a cabo pela Cia Graphico-Editora Monteiro Lobato abriu esse precedente.

METODOLOGIA

A busca da sobreposição de um texto ao outro --o do escritor paulista, realizado na década de 20 na cidade de São Paulo, ao do escritor carioca, produzido em meados do século XIX na capital imperial do Brasil--, será feita através de cotejo entre a edição lobatiana e a primeira versão em livro das *Memórias de um sargento de milícias*, dada a público em 1854/1855.

Não dispomos de provas corrigidas nem tampouco de manuscritos que nos falem dos bastidores da criação do primeiro texto ou da recriação do segundo. Estamos inseridos no universo do texto literário já impresso e publicado.

Na mencionada “nota dos editores” que antecede e esclarece o tratamento dado ao texto das *Memórias* pela Cia Graphico-Editora Monteiro Lobato, não há qualquer informação sobre a edição que utilizaram para publicar a obra.

Tal atitude, porém, não é exclusiva da editora sediada na capital paulista. O trajeto que a separa da primeira edição aponta quatro edições com data que, do mesmo modo, não indicam ao leitor a filiação do texto publicado.

A ausência de documentos e provas sobre essa questão nos lança em terreno instável e nos faz trabalhar com hipóteses. Mas tal é a realidade do livro e sobre ela estamos refletindo. Qual terá sido de fato a edição que Lobato usou para publicar as suas *Memórias*? É esta uma informação fundamental para nosso trabalho e sem a qual ele fica inválido e inviável?

Não. O seu conhecimento só daria maior precisão à pesquisa. No entanto, podemos muito bem trabalhar sobre o produto final que se exhibe publicamente e se nos oferece pronto, acabado. O livro editado vale assim como documento em cujas informações nos amparamos e a partir das quais buscamos recontar uma história.

Se não sabemos *como* Lobato realizou a edição que pôs à venda no mercado na década de 20, *sobre que* texto editado das *Memórias* ele trabalhou para empreender as suas alterações, sabemos ao menos o que foi feito. Monteiro Lobato agiu sobre um primeiro texto, dando origem a um segundo texto. Mas, afinal, de que texto estamos falando? Eis a questão central.

Manuel Antônio de Almeida acompanhou e autorizou em vida duas versões públicas de sua obra. A primeira saiu em forma de folhetim em capítulos impressos, aos domingos, numa seção humorística chamada “Pacotilha” do jornal carioca o *Correio Mercantil*, entre 27 de junho de 1852 e 31 de julho de 1853. Foi, como se frisou na “nota dos editores” da edição lobatiana, escrita “de um jacto”, displicentemente, em meio a reunião com amigos e sem assinatura:

E era no meio desse alarido que Manuel Antônio de Almeida ia compondo muitos capítulos das *Memórias*, em posição bem extravagante –esticado numa marquesa, com preguiça de mudar a horizontal atitude, punha chapéu alto sobre o ventre e em cima dele ia enchendo a lápis as suas tiras de papel, indiferente às risadas dos companheiros, sem dar grande importância ao seu trabalho, que nem era assinado,[...].¹

A segunda versão das *Memórias* sai editada pela casa carioca Typographia Brasiliense em dois tomos, em 1854 e 1855 respectivamente, sob a responsabilidade do editor Maximiano Gomes Ribeiro. Sofre alterações do punho do próprio Manuel Antônio de Almeida na passagem

de folhetim a livro. Ainda assim permanece no anonimato. No crédito do autor, compõe-se “Um Brasileiro”.

As versões seguintes até chegarem à de Lobato têm em comum o fato de serem todas edições em livro, posteriores à prematura morte do autor em 1861 e revelarem algum grau de liberdade na preparação do texto das *Memórias*. De 1862 a 1925, encontramos cinco diferentes versões do romance que narra as malandragens do pequeno Leonardo. Estamos considerando apenas as edições com data. São elas¹:

1862 – edição clandestina lançada em Pelotas pela Typographia do Commercio, sob a responsabilidade do editor Joaquim F. Nunes. Trata-se da edição mais fiel, embora clandestina. Sai, como a primeira edição, em dois tomos e com a indicação “Um Brasileiro” para o autor da obra.

1863 – edição impressa pela Typographia do Diário do Rio de Janeiro, organizada pelo editor Quintino Bocaiúva e revisada pelo escritor Machado de Assis. Sai em um volume dividido em duas partes e integra os nº IX e X da coleção “Biblioteca Brasileira”, conforme nos informa a “Advertência do editor” no fim da primeira parte. Nesta versão o autor sai de seu anonimato. Deixa de ser “Um Brasileiro” para ganhar o nome Manuel Antônio de Almeida. Embora o revisor indique, em resenha bibliográfica publicada na revista “O Futuro”, tratar-se de uma reimpressão das *Memórias*, verificamos uma deliberada intervenção de Machado de Assis na pontuação de Manuel Antônio de Almeida¹.

1876 – edição realizada em dois volumes pela Typographia e Litographia Carioca do Rio de Janeiro, dirigida pelo editor Dias da Silva Júnior, que a inclui na coleção “Leituras Populares”. Como a edição anterior, revela o nome do autor. Intervém na classificação da obra, indicando na folha de rosto entre parêntesis “Romance de costumes brasileiros”. É precedida de uma introdução literária assinada pelo amigo Bethencourt da Silva. Apresenta variantes de ordem gramatical em relação à primeira edição em livro das *Memórias*.

1900 – edição preparada pelo livreiro-editor Hippolyte Garnier, Rio de Janeiro/Paris. Mantém a classificação dada pela edição anterior “Romance de costumes brasileiros” e o nome do autor, conforme a tradição lançada pela terceira edição de Quintino Bocaiúva. Divide o texto em duas partes e vem precedida de uma introdução literária pelo crítico José Veríssimo. Trata-se da primeira crítica objetiva da obra de Manuel Antônio de Almeida, isenta de qualquer vínculo afetivo. O texto revela grande semelhança com a edição precedente, indicando variantes comuns

a ela, mas também algumas que lhe são singulares. Interferência maior na ordem gramatical do texto: pontuação, concordância, regência.

1925 – edição lançada pela Cia Graphico-Editora Monteiro Lobato em São Paulo. Segue a tradição da terceira e quarta edições no que se refere ao nome do autor e à classificação da obra. Sofre uma visível redução no número de páginas e é dividida, como a edição anterior, em duas partes. O texto também se altera, mas ganha versão bastante diversa das anteriores. Sofre intervenção que supera a ordem gramatical e interfere no estilo do autor. No catálogo da editora a edição integra coleção denominada “Coleção Popular”, que conta com 18 títulos (incluindo as *Memórias*): nove nacionais e nove estrangeiros.

Voltamos assim à nossa questão principal: a que texto, afinal, estamos nos referindo? Como pudemos ver, a sete versões de um mesmo texto. Mas haverá entre eles uma hierarquia? Qual será o texto original?

Já dissemos que não dispomos de uma versão manuscrita ou qualquer prova tipográfica anterior à publicação das *Memórias*. Sua origem está portanto em sua primeira versão em folhetim.

Terão, porém, Lobato e os editores anteriores a ele considerado essa versão em suas edições? Certamente que não. A passagem de um texto em folhetim para o formato livro exige modificações e tais alterações já haviam sido realizadas pelo próprio Manuel Antônio de Almeida, quando decide publicar as *Memórias* em livro. Nada mais lógico no universo editorial do que utilizar a última versão do texto de um autor finado quando se resolve publicar sua obra.

O texto-base então de que falamos é a segunda versão pública das *Memórias*: sua primeira edição em livro, primeiro texto para este trabalho, livre de intervenções e com as marcas e impressões do autor Manuel Antônio de Almeida.

É praticamente certo que Lobato não a tenha utilizado em sua edição, se consideramos que a primeira edição das *Memórias* já era bem antes da década de 20 versão rara e difícil de se obter¹. Tampouco nos parece que Lobato, do modo como procedeu, demonstrasse semelhante rigor.

Apesar disso, é essa primeira edição, esse texto-base, o alvo das alterações perpetradas pelo editor paulista. Se ele não pôde ou não elegeu como critério adotá-la por base, o certo é ser ela a matriz das demais edições que possam lhe ter servido.

Tal situação nos coloca diante de um grupo de textos a ser contemplado. Numa ponta está o texto-base, original, versão revista e autorizada pelo autor: a primeira edição das *Memórias*. Na outra ponta, a edição lobatiana, um segundo texto totalmente diverso, que em sua radical alteração deflagra a vulnerabilidade do texto das *Memórias*. No meio das duas pontas, quatro edições pouco fiéis exibem um texto flutuante.

Esse grupo de edições segue uma cronologia natural. A observação de alguns de seus capítulos demonstra ainda que há uma linhagem e hierarquia entre elas. Destacamos quatro chaves.

Na primeira, está a segunda edição de Pelotas, que clandestinamente copia a primeira. Na segunda chave, aparece a terceira edição, organizada por Quintino Bocaiúva e revista por Machado de Assis. Apesar do revisor classificá-la como reimpressão, apresenta intervenções na pontuação do texto. Na terceira, observamos as edições de Dias da Silva e Garnier: quarta e quinta edição respectivamente. A edição de Dias da Silva não apresenta nenhum vínculo com a edição de Quintino Bocaiúva. As alterações que empreende são de sua total responsabilidade em relação à primeira edição. A edição da Garnier, por sua vez, decorre da edição de Dias da Silva, repetindo suas intervenções. Acrescenta ainda sob sua responsabilidade algumas modificações ao primeiro texto das *Memórias*.

Na quarta chave, por fim, achamos a edição de Monteiro Lobato, que se destaca e encerra o grupo de edições. De um lado, ela altera drasticamente a primeira edição das *Memórias*, e, de outro, revela seguir a tradição das edições entroncadas na terceira chave, ao coincidir com algumas de suas alterações.

Chamamos especial atenção para a relação da edição lobatiana com a da Garnier, já que muito provavelmente era ela que circulava no mercado editorial contemporâneo a Lobato e porque, numa primeira observação, parece-nos ter sido a crítica literária assinada por José Veríssimo nessa edição que respaldou o ousado procedimento levado a cabo pelo editor paulista.

Nesse universo de textos, portanto, nossa principal tarefa será contrastar o texto integral das *Memórias* em sua primeira versão em livro oferecida na praça editorial do Rio de Janeiro com aquele publicado pela Cia Graphico-Editora Monteiro Lobato no então emergente mercado livreiro de São Paulo.

Trabalho secundário será o cotejo parcial (apenas alguns capítulos) daquelas versões que ficaram no meio do caminho com a primeira e sexta edições (cotejo central). Queremos traçar os vínculos e dissidências que existem entre todos esses textos.

Não pretendemos com isso propor uma nova edição das *Memórias* nem tampouco realizar uma edição crítica da obra. Interessa-nos, sobretudo, avaliar um segundo texto da obra que amplia o seu entendimento ao revelar o singular trajeto que ela percorreu na mão de escritores, autores e críticos literários em diferentes momentos da nossa história.

O cotejo entre os textos será feito com o auxílio dos instrumentos de análise da crítica genética que se dedica a recuperar o percurso genético da obra de um determinado escritor, centrando-se essencialmente na fase que antecede o texto publicado – manuscritos, exemplares-de-trabalho, anotações, provas tipográficas.

Em nosso caso, porém, trata-se de resgatar a formação de uma obra a partir da gênese de uma segunda versão dessa mesma obra, num domínio que nos priva de seus bastidores e nos impõe a tarefa de imaginar a caneta de um segundo escritor marcando, suprimindo, substituindo e deslocando o texto de um primeiro escritor.

A avaliação desse segundo texto, que instaura um caso de co-autoria, deverá, por fim, abrir um debate sobre as noções de estilo, literatura, livro, edição de texto, autoria e co-autoria. Tais noções serão discutidas à luz tanto da crítica genética quanto dos estudos sobre o livro e sua história.

Estamos, afinal, diante de um objeto cujo tratamento foi realizado por uma figura que trafegou nessas duas áreas: a literatura e a edição. Nosso principal personagem é o autor e editor José Bento Monteiro Lobato.

Bibliografia:

Edições de *Memórias de um sargento de milícias*

UM BRASILEIRO. *Memórias de um sargento de milícias*. 1ª ed. Tomo I e II. Rio de Janeiro: Typographia Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1854 e 1855.

_____. *Memórias de um sargento de milícias* (por “Um Brasileiro”). 2ª ed. Tomo I e II. Pelotas: Typographia do Commercio de Joaquim F. Nunes, 1862.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. (Biblioteca Brasileira, IX e X – primeira e segunda parte, respectivamente). 3ª ed. Rio de Janeiro: Typographia do Diário do Rio de Janeiro, 1863.

_____. *Memórias de um sargento de milícias* (Romance de costumes brasileiros). Intr. Literária por Bethencourt da Silva. 4ª ed. v. I e II. Rio de Janeiro: Typographia e Lithographia Carioca, 1876.

_____. *Memórias de um sargento de milícias* (Romance de costumes brasileiros). Intr. Literária por José Veríssimo da Academia Brasileira. 5ª ed. Primeira e segunda parte. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1900.

_____. *Memórias de um sargento de milícias* (Romance de costumes brasileiros). Edição escoimada de vícios de forma. 6ª ed. Primeira e segunda parte. São Paulo: Cia Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925.

Geral

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro*. Prefácio por Antônio Houaiss. 1ª ed. 3ª tiragem. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1995.

CALVINO, Ítalo. *Se numa noite de inverno um viajante*. Prefácio de Paolo Angeleri. 2ª ed. Lisboa(Portugal): Vega, s/d.

CATÁLOGO GERAL DA COMPANHIA GRAPHICO-EDITORIA MONTEIRO LOBATO, São Paulo, 1925.

O Futuro. Rio, 15 de fevereiro, 1863 (Crônica Machado de Assis)

LARA, Cecília de. “Bibliografia” in ALMEIDA, Antônio Manuel de. *Memórias de um sargento de milícias* (edição crítica de Cecília de Lara)/Biblioteca Universitária de Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

LOBATO, José Bento Monteiro. “O luzeiro agrícola” in _____. *Cidades Mortas*. 11^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1964.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. “Nos caminhos do texto” in ANDRADE, Mário de. *Macunaíma* (edição crítica Telê Porto Ancona Lopez) 2^a ed. Allca xx/Edusp, 1996.

MARINHO, Terezinha. “Introdução crítico-filológica” e “Bibliografia” in ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. (edição preparada por Terezinha Marinho). Rio de Janeiro: INL/Ministério da Educação e Cultura, 1969.

REBÊLO, Marques. *Vida e obra de Manuel Antônio de Almeida*. 2^a ed.. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1963.

“O Romance Brasileiro” in *Revista do Brasil*. São Paulo: n.109, jan., 1925, Resenha do mês (Folha da Tarde, São Paulo, s/d)